

## INFÂNCIA E FELICIDADE

Quando meus filhos eram pequenos, colocamos na parede de seu quarto um pôster que fizemos com uma foto tirada no Chile por um de nossos amigos. Era uma inscrição num muro e dizia “*Los niños nacen para ser felices*”. A foto acabou se estragando, mas o significado da inscrição não se apagou entre nós. Continuamos acreditando nele, até porque pensamos que não apenas as crianças, mas todos os seres humanos nascem para ser felizes. Julgo, entretanto, que vale a referência específica às crianças, no sentido de propor uma reflexão sobre a forma como elas vêm sendo consideradas nas sociedades e nos tempos em que vivemos. Será que se reconhece mesmo, nas famílias, nas escolas, o seu direito à felicidade? E será que são empreendidos esforços na criação de condições para a construção de uma infância feliz?

É à filosofia, meu espaço de formação e de trabalho, que recorro para propor a reflexão. Pensar à luz da filosofia é realizar o esforço de assumir uma atitude crítica diante das questões que nos inquietam e desafiam. Tenho recorrido frequentemente a uma afirmação de Guimarães Rosa, que se encontra em seu livro *Grande Sertão: Veredas*. Ali, o jagunço Riobaldo diz: “*A cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total*” (ROSA, 1965, p. 320).

Olhar criticamente significa procurar ver com *clareza, profundidade e abrangência* a realidade e nós mesmos, na relação com ela. Procurar “aumentar a cabeça, para o total” implica, portanto, uma atitude humilde e corajosa. A atitude crítica é *humilde*, no sentido de reconhecer nossos limites. As coisas que há são “demais de muitas”. Há muita coisa que ainda não conhecemos. Só quem reconhece que não sabe, que há ainda muito por ser conhecido, empreende uma busca no sentido de ampliar seu saber. E é *corajosa*, porque sempre

tende a enfrentar perigos, ameaças. O olhar crítico desvenda, aponta coisas que podem nos incomodar, nos desinstalar, nos exigir a fazer mudanças para as quais muitas vezes não estamos preparados.

É nessa perspectiva crítica que a filosofia se aproxima da infância. O núcleo da atitude crítica é a *pergunta*. Quem reconhece não saber, pergunta. A filosofia faz perguntas. E se interessa pelas respostas, mas não as aceita sem problematizar, buscar seus fundamentos. Acredita que as melhores respostas são as que ainda guardam perguntas. Agnes Heller, filósofa húngara, afirma que *“a filosofia possui a maravilhosa capacidade, a coragem de pôr as questões mais pueris: O que é isto? Como é isto? Por que é precisamente assim? Por que deve ser assim? Que finalidade tem isto? Por que tem de ser feito assim? Por que não pode ser feito desse outro modo?”* (HELLER, 1983, p. 22-23). Perguntas que são feitas pelas crianças, sem temor, sem medo de parecer tolas, como muitas vezes pensam as pessoas adultas. Concessa, personagem criada pela atriz Cida Mendes, lembra algo importante, à moda das crianças: *“Não tem pergunta boba – tem é bobo que não pergunta!”* (CASA DE CONCESSA, 2019). Os adultos costumam ter muitas respostas prontas sobre perguntas das quais não sabem a resposta...

As crianças são pequenos seres humanos com quem sempre aprendemos, na relação que com eles estabelecemos. Elas portam saberes. E é preciso lembrar que *“os saberes dos pequenos não são saberes pequenos”* (MEIRIEU, 2006, p. 20). Portanto, há que levar em conta esses saberes, que se entrecruzam com os saberes das pessoas com quem elas se relacionam e que se conjugam na exigência de um olhar atento, uma disponibilidade afetuosa e um comprometimento sério, por parte dos educadores e educadoras, quando essa relação se dá na escola.

A educação é um movimento longo e complexo, no sentido de as pessoas nele envolvidas irem renascendo, a cada momento, junto com os outros. De ir aprendendo e ensinando, experimentando a vida

e o mundo. Na escola, esse movimento requer atenção especial, uma vez que ali deve se realizar especificamente o esforço de construção de uma educação democrática, justa e emancipadora. Assim, as políticas educacionais, os projetos pedagógicos deveriam ir ao encontro das necessidades concretas e da superação dos problemas que impedem o desenvolvimento integral das pessoas envolvidas no processo educativo escolar.

A pergunta básica, de partida, é: “Para quê educar?”

A resposta se aponta no pôster no quarto de meus filhos: para que as pessoas sejam felizes, para que possam ter uma vida plena, uma convivência aberta e criativa, juntas, na perspectiva de realização do bem comum e da existência cidadã. E é isso que a vida escolar e a organização curricular, devem proporcionar. Portanto, como trabalhar na escola para que as crianças possam exercer seu direito à felicidade? E de que estamos falando quando falamos em felicidade?

O conceito de felicidade tem seu significado construído historicamente. Por essa razão é que indagamos qual é a configuração de que ele se reveste em nossos dias. No mundo contemporâneo, a ideia de felicidade tem sido usada como sinônimo de sucesso, este entendido como destaque individualista da pessoa, desconsideração da relação solidária. Fazer sucesso é render-se às solicitações muitas vezes questionáveis do contexto, é ir ao encontro de interesses escusos, fáceis. Por outro lado, apresenta-se frequentemente uma ideia romântica de felicidade, identificada com uma vida “cor de rosa”, sem conflitos e contradições.

Embora seja difícil encontrar uma definição precisa de felicidade, acredito que é preciso rejeitar essas concepções. A felicidade se apresenta como um *estado*, sujeito, portanto, a transformações, a rupturas. Apesar de ser vivenciada como algo que se aproxima da plenitude, guarda o caráter de finitude e corre riscos, como toda experiência humana. O que se constata é que a felicidade é algo constantemente buscado pelos seres humanos, na sua vida social

(RIOS, 2009). Como essa vida tem um caráter político, aproximam-se e articulam-se os conceitos de felicidade e cidadania, na medida em que se reportam à possibilidade de *viver bem em companhia*. Cidadania, entendida como exercício de todos os direitos – civis, políticos, sociais – significa participação efetiva na vida social e possibilidade de vida digna. Vida boa para todos, bem comum. É no núcleo da ética que se encontra a referência ao bem comum. E a felicidade é outro nome do bem comum, bem coletivo, bem público. Ela se remete à possibilidade de a pessoa participar criativamente da vida em sociedade, dizer sua palavra, ser ouvida e reconhecida em sua identidade, ser considerada e saber considerar o coletivo (RIOS, 2018).

Na instituição escolar, educadores e educadoras propõem-se a formar jovens e crianças como cidadãos e cidadãs. Lembremos que a escola não forma *para* a cidadania ou *para* a vida como algo que será experimentado no futuro. A formação é para o único tempo em que vivemos, todos nós – o presente. Portanto, a vida boa, aqui e agora, em que se começa a criar a vida futura, deve ser o objetivo considerado no trabalho. Proporcionar vida boa para as crianças significa criar espaço para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, para a abertura ao mundo, para o exercício da inteligência, da imaginação, dos sentimentos. Lembremo-nos do lamento de Carlos Drummond de Andrade no belo poema em que saúda o nascimento de seu neto Luís Maurício: *“Do mundo o espetáculo é vário e pede ser visto e amado. / É tão pouco cinco sentidos!* As crianças nos mostram que é possível uma espécie de multiplicação dos sentidos – seus corpos se dispõem a explorar o ambiente, seus gestos procuram expandi-lo, numa constante aprendizagem. Meri, uma menininha de dois anos, revela isso de um jeito lindo. Quando perguntam a ela: “Meri, você sabe nadar?”, sua resposta é: “Não, mas sei aprender”.

As crianças sabem aprender. É muito importante que as pessoas adultas se disponham a aprender com elas, que essa disposição se revele na escola, na escuta cuidadosa da palavra daqueles e daquelas

que por muito tempo foram chamados de “sem palavra”. No diálogo com eles e elas, reconhecemos a permanência da infância em nós, nas crianças que guardamos nas pessoas adultas em que fomos nos tornando. Somos essas pessoas, com essas características, em virtude das crianças que fomos. Moram em nós a criança que fomos e a pessoa mais velha que desejamos ser no futuro. “Trança de gente”, como diz Ana Maria Machado em seu belíssimo livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (MACHADO, 1981).

Dialogar, aprender, partilhar com jovens e crianças o espírito da pergunta, do riso, da amizade, da transgressão. Saborear o mundo. Saber e sabor têm a mesma origem etimológica. Conhecer o mundo é sentir o seu gosto. O mundo, que no dizer de uma criança, “é o aqui lá fora, onde estão todas as coisas”, é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. Tarefa fundamental de educadores e educadoras, que devem procurar, ao construir, transformar e socializar o conhecimento, colaborar na formação da *felicidadania*.

## **Referências**

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Luis Maurício, Infante. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MTE1MjYyNw/> Acesso em 30.08.2023.

CASA DE CONCESSA, *Fisologia*, 30 de maio, 2019. Disponível em [https://www.facebook.com/casadconcessa/videos/fisologia/450076542451971/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/casadconcessa/videos/fisologia/450076542451971/?locale=pt_BR). Acesso em junho 2019.

HELLER, Agnes. *A filosofia radical*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. São Paulo: Editora Salamandra, 1981.

MEIRIEU, Philippe. *Carta a um jovem professor*. Porto Alegre: Artmed, 2006.